

a capoeira na educação infantil: diálogo entre práticas culturais e educação

capoeira in early childhood education: dialogue between cultural practices and education

Carolina Gusmão Magalhães

Professora Adjunta do Centro de Ciências da Saúde
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
Salvador - Bahia

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8040-0933>

Jean Adriano Barros da Silva

Professor Adjunto do Centro de Formação de Professores
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Salvador - Bahia

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0993-7417>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14218915>

Resumo: O presente artigo se articula com a temática que envolve o diálogo sobre práticas culturais e Educação, focando em particular os limites e possibilidades da capoeira na formação de crianças. Este tema tem como objetivo geral à proposição de analisar as perspectivas da ação pedagógica no campo da cultura corporal em Educação Infantil. Neste sentido, buscaremos dialogar com alguns autores, apresentando alternativas a partir da prática da capoeira, enfocando seus movimentos, sua musicalidade e o “ritual” da roda, como fontes para o desenvolvimento humano e conseqüentemente das estratégias e métodos que permeiam as instituições formais para o referido público em questão.

Palavras-chave: (1) Educação; (2) Capoeira; (3) Crianças; (4) Educação Infantil; (5) Ritual da roda.

Abstract: This article is linked to the debate about cultural practices within formal education, with particular focus on the limits and possibilities of capoeira training of children. This theme has as its main goal to analyze the prospects for pedagogical action in the field of physical culture in early childhood education. In this sense, dialogue with other authors, presenting alternatives from the capoeira practice, focusing on the movements, the musicality and the so called “wheel ritual”, as sources for human development and, therefore, as the strategies and methods for formal educational institutions and its stakeholders.

Keywords: (1) Education; (2) Capoeira; (3) Children; (4) Early childhood education; (5) Wheel ritual.

Apresentação

Este artigo tem como intuito principal discutir as bases históricas e ideológicas que fundamentam a capoeira na Educação Infantil, a partir da análise do processo de inserção da mesma no contexto escolar, suas modificações adaptativas e suas possibilidades enquanto instrumento revolucionário ou conformador para edificação de uma pedagogia social. Faremos esta abordagem estabelecendo uma análise do processo histórico de introdução da capoeira na Educação Infantil, seguido de uma discussão sobre a potencialidade pedagógica revolucionária ou conformadora da capoeira, considerando o diálogo com alguns autores e culminando com algumas considerações que propõem uma reflexão sobre a prática pedagógica na Educação Infantil para a construção de uma sociedade mais justa, com indivíduos mais críticos, criativos e autônomos.

A capoeira, esta arte de origem controversa e que ainda desperta muita polêmica, emergiu no bojo das camadas populares e adentra as instituições públicas e privadas de forma arrebatadora e efusiva, sendo capaz de em pouco mais de quatrocentos anos de trajetória estar presente na maior parte das escolas, clubes, universidades, academias, dentre outros, se firmando com força em vários países do mundo, força esta, que ora estamos precisando verificar, os interesses ideológicos que estão sendo defendidos nas entrelinhas de sua expansão pelo mundo e, em particular, na Educação Infantil.

Segundo dados fornecidos por Sérgio Luís de Souza Vieira, presidente da *Confederação Brasileira de Capoeira* (CBC), a capoeira hoje é praticada oficialmente em cento e trinta e dois países, tendo como instituições para administrar a modalidade atualmente, no Brasil, oitenta e quatro Ligas Regionais e Municipais, vinte e quatro Federações Estaduais, uma Confederação Brasileira, uma Associação Brasileira de Árbitros, uma Associação Brasileira de Capoeira para Portadores de Necessidades Especiais. No âmbito internacional existe a *Federação Internacional de Capoeira* (FICA), que coordena trabalhos das Federações Nacionais de Capoeira existentes no Canadá, Portugal, Argentina, França, dentre outros países.

É importante lembrar que este fenômeno, chamado capoeira, não surgiu de forma instantânea, ou seja, ao longo de sua história inúmeras barreiras foram rompidas para que a mesma se transformasse “*de luta marginal a uma alternativa educacional*”, e é justamente sobre o processo de inserção da capoeira nas instituições de ensino, em particular as de Educação Infantil, que discutiremos neste artigo. Analisando as possibilidades da capoeira enquanto ferramenta metodológica na construção de uma pedagogia social ou sua utilização como instrumento alienador para manutenção da lógica capitalista.

A escola e a capoeira

Partindo do princípio de que a capoeira, ao longo de sua história, passou por uma série de transformações para firmar seu espaço no ambiente escolar e que a escola funciona, na maioria das vezes, como um aparelho ideológico do estado, que por sua vez estará sujeito aos ditames do capital, tentaremos aqui traçar um painel desta dialética relação entre a capoeira e a escola.

Para compreender os conflitos desta relação precisamos lembrar que o surgimento da escola teve suas bases associadas a uma estratégia de manutenção da diferença entre a classe operária e a classe burguesa, sendo esta última beneficiada pela manutenção ideológica garantida pela escola, pois ali estariam garantidos os princípios de construção da separação entre “fazer e pensar”, “corpo e mente”, etc... princípios estes que resistem até os dias atuais.

Todo sistema de ensino da sociedade capitalista assenta no racionalismo burguês, ou seja um idealismo ou iluminismo que esclarece os espíritos, a massa e a matéria. Neste sentido, o princípio de “revelação” está no seio das escolas burguesas tanto laicas como religiosas. Toda a sociedade dividida em duas classes é necessariamente idealista: a elite esclarecida dita as normas, e a massa bruta deve segui-las sem discussão (DANGEVILLE 1978: 35).

A partir da análise deste contexto acima, fica fácil compreender o tamanho do “desafio” e das transformações, que foram “necessárias” para enquadrar a capoeira na lógica escolar, pois a capoeiragem historicamente foi também símbolo de contestação da lógica vigente e sua fundamentação filosófica, centra-se em uma simbologia que extrapola o conceito de educação escolar, ratificando o verdadeiro conceito de Educação, que não estabelecem fronteiras, nem limites para as relações de ensino-aprendizagem.

Quando a escola é a aldeia, a educação existe onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais, de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de um modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para outra, dentro de história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende a ensinar a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser (BRANDÃO 1981: 13).

Deste conceito mais amplo de Educação surgem às bases filosóficas dos ensinamentos da simbologia da capoeiragem. Assim fica fácil compreender o tamanho do abismo entre a matriz norteadora da capoeira e a forma na qual ela se apresenta hoje nas escolas de Educação Infantil, ou seja, algumas das adaptações que permearam estes anos de transformações da capoeira pela sobrevivência, esterilizaram a possibilidade revolucionária de construção de uma pedagogia social que está impregnada em algumas sociedades do continente africano que acabaram por influenciar a estruturação e reelaboração de práticas em território brasileiro, tais como a própria capoeira. Nesta perspectiva tentaremos, a partir de um diálogo com os teóricos e reflexões sobre a filosofia da capoeira transmitida oralmente pelos grandes mestres desta arte, organizar um breve levantamento histórico da capoeira e analisar algumas possibilidades de intervenção da capoeira para uma pedagogia social na Educação Infantil.

Sobre a idéia de pedagogia social, queremos dialogar com o pensamento de Pistrak, que nos traz uma lógica que aponta para a construção de uma escola educadora do "povo", que transforme a vida escolar em um extensão dinâmica da problematização das questões sociais, vinculando não só seus conteúdos, mas principalmente o método de ensino a serviço de uma transformação social que minimize as injustiças sociais e atenda os interesses dos "excluídos" e menos favorecidos, a partir do estímulo da auto-organização dos estudantes, organização do ensino em complexos temáticos e das relações entre escola e trabalho.

Da luta marginal a uma alternativa educacional

Por volta da década de trinta, através da criação e oficialização legal da *Luta Regional Baiana* (Capoeira Regional), estruturada por Manoel dos Reis Machado (*Mestre Bimba*) e seus discípulos, a capoeira ganha uma nova roupagem que abre a possibilidade de institucionalização da mesma. Pela primeira vez a sociedade reconhecia e decodificava os símbolos que fundamentavam a prática de ensino da capoeira, por meio de um método sistematizado e escrito, que poderia facilmente ser implantado em diversas instituições. Este fato, aliado a uma conjuntura política que estimulava ideais nacionalistas pela forte influência do "Estado Novo" de Vargas na defesa de um modelo de ginástica que pudesse ser genuinamente brasileiro, impulsionaram um grande crescimento e divulgação da capoeira.

Outro fator que contribuiu muito para a expansão da capoeira institucionalizada foi a condição desta alternativa apresentar-se como uma possível tentativa de cooptação e controle de uma arte que insurgia-se de forma subversiva em alguns pontos do território nacional, a exemplo das maltas do Rio de Janeiro e de outros pequenos movimentos de

contestação da estrutura social vigente. Estes, tinham na capoeira um “braço” de luta, ou seja, é importante lembrar que esta aceitação teve um preço alto pois, a necessidade de atender os anseios de uma classe social dominante, enquadrou e remodelou a capoeira em um perfil alienador, que em última instância desarticulava sua simbologia metodológica revolucionária e a colocava a serviço do sistema.

Sobre as maltas podemos citar um relatório do ministro e secretário dos negócios da justiça referente ao ano de 1878, revelando toda a preocupação do estado com a capoeira:

Uma das mais estranhas enfermidades morais desta grande e civilizada cidade é a associação de capoeiras. Associação regularmente organizada, com seus chefes, sua subdivisão em maltas, que denominam badernas, com sinais e gírias próprias. Grupos de turbulentos, ávidos de assuadas, de lutas e de sangue, concorrem à voz de seus chefes das grandes reuniões populares e festividades públicas, para o fim de decidirem por meios violentos as suas contendas e rivalidades (FILHO & LIMA apud ARAÚJO 1997: 175).

A partir desta transformação, a capoeira gradativamente vai inserindo-se no contexto escolar, podendo-se atribuir ao *Mestre Bimba* um papel importante neste processo, pois através de seu contato com estudantes universitários de Salvador, que o convidaram para ensinar na pensão onde residiam, o mestre pode ter acesso a uma camada social e a códigos e símbolos do conhecimento científico que possibilitaram a criação e sistematização deste novo modelo de ensino da capoeira. A partir daí a Capoeira inicia seu processo de institucionalização. Segundo o Mestre Itapoã:

Quando o Mestre foi parar lá, os estudantes começaram a conversar com ele, que a capoeira não podia ser uma coisa perseguida pela polícia. Isso foi em 1934, quando os caras foram para Salvador estudar Medicina. O Nordeste todo ia estudar lá. Foi assim que ele começou a ter contato com a sociedade da época. (VIEIRA 1990: 123).

O novo modelo de capoeira criado por *Bimba* e seus discípulos passa a ser reconhecido paulatinamente pela sociedade civil, sendo inclusive o *Mestre Bimba* agraciado com o título de *Instrutor de Educação Física*, mediante diploma oficial assinado por Dr. Gustavo Capanema, o então Ministro de Educação, no ano de 1957 pelo enquadramento do ensino da capoeira na legislação vigente (DECÂNIO 1997: 118).

Apesar dos avanços proporcionados por *Bimba*, o mesmo só teve acesso a uma única instituição, que foi o CPOR (*Centro de Preparação de Oficiais da Reserva*), na qual ministrou aulas de capoeira para os

aspirantes da reserva. Este fato denota que a capoeira institucionalizada se inicia com *Mestre Bimba*, mas só vem se firmar com o passar dos anos, através de outras iniciativas promovidas por seus alunos.

As transformações sofridas no processo de ensino da capoeira iniciaram a aproximação da mesma ao ambiente escolar, favorecendo seu reconhecimento e ampliando suas perspectivas com vista a se firmar como ferramenta pedagógica no processo educativo alienador do modelo capitalista.

Sobre a oitava: era na roda, sem a interrupção do seu curso que se dava à iniciação, com o mestre pegando nas mãos do aluno para dar uma volta com ele. Diferentemente de hoje em dia, quando é mais freqüente iniciar o aprendizado através de séries repetitivas de golpes e movimentos, antigamente o lance inicial poderia surgir de uma situação inesperada, própria do jogo: um balão boca de calça, por exemplo. A partir dele se desdobravam outras situações inerentes ao jogo, que o aprendiz vivenciava orientado pelos “toques” do mestre.... (ABREU 2003: 20).

No Brasil, por volta do final da década de 1970 e início da década de 1980, tivemos um grande crescimento no número de instituições de ensino da capoeira, fato este que contribuiu muito para a pulverização da capoeira em escolas, universidades e creches, acrescentando a estes ambientes de trato com o conhecimento um toque de cultura e inúmeras possibilidades de intervenção no que se refere à atividade física, que acabam sendo respaldadas por leis e sugerida por diversos instrumentos informativos que orientam a Educação escolar (RCN, PCN's, etc).

Dentre as possibilidades de trato da capoeira no universo da Educação Infantil, destacaremos algumas faces desta arte que representam alternativas reais e concretas de intervenção pedagógica com crianças de zero a seis anos, que se otimizam a partir de suas interlocuções, contextualização e intencionalidade pedagógica. Dentre estas a musicalidade, o movimento, o ritual e as relações interpessoais. Vale a pena ressaltar que em nossa análise destacaremos a potencialidade na construção da pedagogia social, contudo esta só se firmará na prática a partir de uma apropriação crítica por parte dos educandos e educadores, pois a capoeira poderá facilmente estar servindo tanto à “revolução” quanto à “conformação alienada”.

A capoeira e sua musicalidade

A musicalidade na capoeira tem papel fundamental, pois dela se desencadeia boa parte do processo ritualístico da capoeira, ou seja, é a partir da musicalidade que os movimentos são executados, os instrumentos são tocados e as cantigas entoadas. Portanto, toda a contribuição da musicalidade no processo pedagógico infantil poderá facilmente ser

transportado para a intervenção da capoeira neste contexto, haja vista que a mesma é condição fundamental para a prática da capoeira.

O ritmo, elemento potencialmente explorado na musicalidade da capoeira, tem o poder gerador de impulso e movimento no espaço, desenvolvendo a motricidade e a percepção sensorial, além de induzir estados afetivos, contribuindo para algumas aquisições, tais como: linguagem, leitura, escrita e lógica matemática. Sobre cirandas e danças cantadas:

A associação do canto e do movimento permite a criança sentir a identidade rítmica, ligando os movimentos do corpo e os sons musicais. Estes sons musicais cantados, emitidos pelas crianças e ligados a própria respiração, não têm o caráter agressivo que pode revestir um tema musical no qual a criança deve adaptar-se aos exercícios de sincronização sensorio-motora. Esta atividade representa um estágio prévio ao ajustamento e um suporte musical imposto à criança. (LÊ BOULCH 1982: 182).

O trabalho musical da capoeira proporciona o ajustamento rítmico da criança correlacionando a noções de tempo-espço, o que favorece um maior equilíbrio emocional da mesma, melhorando as relações com os outros colegas a partir do respeito do ritmo do outro e de si mesmo.

Na utilização dos instrumentos da capoeira (berimbau, pandeiro, atabaque e outros) podemos estar dando significativa contribuição no que tange ao desenvolvimento da coordenação motora fina, pois a partir do manuseio desses instrumentos a criança perceberá as implicações de gestos menores (finos), relacionados aos objetos, o que possibilitará uma melhoria no processo de escrita, dentre outros em que esta habilidade é necessária. Ainda podemos perceber o importante papel dos instrumentos musicais, como objeto material, no trabalho com crianças a partir do segundo ano de idade:

A investigação no mundo dos objetos traduz-se por uma atividade percepto-motora que vai permitir a aquisição rápida das práxis, assegurando o desenvolvimento da função de ajustamento, dando um suporte à organização perceptiva. Por outro lado, a ação sobre o objeto permite a criança experimentar o peso e a resistência do real (LÊ BOULCH 1982: 39).

Um outro aspecto importante sobre a musicalidade é que a capoeira tem, tradicionalmente, sua difusão pautada na oralidade, que tem nas cantigas um mecanismo importante de desenvolvimento fisiológico da fala, bem como de transmissão da cultura de geração para geração, ou seja, as letras das cantigas são carregadas de ditos populares e parábolas que traduzem posturas morais, cívicas e afetivas, que quando bem orientadas

por uma intenção pedagógica crítica e com nexos na totalidade, podem servir de estratégia na construção de uma sociedade mais justa e humana.

O “movimento” e a capoeira

O “movimento” tem papel de grande relevância no desenvolvimento de crianças de zero a seis anos, sendo fundamental na construção da cultura corporal humana. Por tudo isso, é papel preponderante das instituições de Educação Infantil criar possibilidades materiais, estruturais e pedagógicas para a construção de um universo que possibilite o trato com situações-problema no campo do movimento, pois desta forma serão potencializadas as suas propriedades benéficas na edificação de melhorias no campo afetivo, motor, cognitivo e social.

Por em sua essência, a capoeira ser uma atividade eminentemente prática, enfocando no jogo da roda de capoeira um de seus momentos mais sublimes e característicos, e por este jogo se consolidar a partir de movimentos corporais, a capoeira funciona como importante agente facilitador no trato com o movimento na Educação Infantil. Através da atividade com a capoeira a criança poderá facilmente familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, pois os exercícios que permeiam a prática da capoeira envolvem todas as partes do corpo, inclusive contando com a aquisição de gestos que são associados a uma cadência rítmica em dinâmicas que fortalecem a integração dos envolvidos, ajudando no amadurecimento das noções tempo-espaço, além de desenvolver, cada vez mais, uma atitude de interesse e cuidado com o próprio corpo.

A capoeira auxiliará na ampliação das diferentes qualidades físicas e dinâmicas do movimento, pois são freqüentes as situações em que os alunos são convidados a simularem movimentos que começarão de naturais, a exemplo da *ginga*, que nada mais é do que uma variação do ato de andar, até situações de maior elaboração técnica, melhorando a condição do andar, correr, pular, trepar, equilibrar, rolar, além de trabalhar força, velocidade, resistência e flexibilidade, aliado a um suporte lúdico, que é fator preponderante para a prática da capoeira e nas intervenções pedagógicas com crianças de 0 a 6 anos. Rego compartilha a idéia de que luta e brincadeira são componentes da capoeira:

... primitivamente a capoeira era o folgado que os negros inventaram para os instantes de folga e divertirem a si e os demais nas festas de largo, sem, contudo deixar de utilizá-la como luta no momento preciso para sua defesa (REGO 1968: 359).

O ritual da capoeira e as relações interpessoais

Neste item temos um elo fundamental entre toda a parte técnica descrita acima e as possibilidades da capoeira enquanto ferramenta

pedagógica da classe operária, pois, estas relações interpessoais, no ambiente da capoeira, são regadas por símbolos ritualísticos que reforçam a “produção” coletiva para o coletivo, com uma relação de ensino-aprendizagem horizontalizada que só funciona a partir da participação democrática dos envolvidos na ação pedagógica. Quando abordada nesta perspectiva, a capoeira estará firmando as bases da revolução social. Segundo Pistrak (2000):

Se quisermos desenvolver a vida coletiva, os restaurantes coletivos, os clubes, etc, devemos formar entre os jovens não somente a aptidão para este tipo de vida, mas também a necessidade de viver e trabalhar coletivamente, na base da ajuda mútua, sem constrangimentos recíprocos. Este é o único terreno que podemos escolher se quisermos obter resultados positivos na luta que se trava por um novo modo de vida (PISTRAK 2000: 54).

Uma das grandes lições que a capoeira encerra em seu arcabouço ritualístico é a questão do “aprender fazendo” atrelado à contextualização do conteúdo, ou seja, esta herança que herdamos da sociedade africana nos ensina que não devemos dicotomizar a ação prática do aprendizado teórico. Boa parte de tudo que aprendemos na capoeira acontece por uma experimentação prática, que geralmente é catalisada por um ambiente que mescla indivíduos com diferentes experiências, mediados pela intervenção do mestre para a produção de um bem comum a todos. O ensino da capoeira aponta para uma relação democrática entre educandos e educadores, fortalecendo a zona de desenvolvimento proximal:

A distância entre aquilo que ele é capaz de fazer de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza em colaboração com os outros elementos do seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial) caracterizando aquilo que Vygotsky chamou de “zona de desenvolvimento proximal ou potencial”. (REGO 1995: 73).

Ainda segundo Rego (1995), podemos dialogar com a idéia de que o aprendizado é o responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal na medida em que, em interação com outras pessoas, a criança é capaz de colocar em movimento vários processos de desenvolvimento que, sem a ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer.

É importante lembrar que todo este processo de construção do conhecimento está sempre permeado, na capoeira, por uma forte relação de respeito mútuo e parceria, pois o conceito de coletividade (“irmandade”) prevalece durante todo o ritual da capoeira, apesar da mesma ser freqüentemente confundida com o jogo atlético e competitivo,

negando o objetivo natural desta arte que é “jogar com” e não contra o outro, ratificando a unidade da dupla sob o signo de parceria, que prevalece também dentre os outros componentes da roda.

No trabalho de capoeira com crianças pequenas, podemos perceber nitidamente uma melhoria nas relações interpessoais, ajudando desde crianças muito introspectivas até aquelas com problemas de hiperatividade, equilibrando as relações e promovendo uma sensível melhora da auto-estima, pois a constante necessidade de realização coletiva garantida pelo ritual da capoeira possibilita o exercício de se lidar com o outro e suas diferenças. Este fato se firma como importante mecanismo para resolução de possíveis situações emergentes das relações sociais cotidianas, contribuindo com a formação de indivíduos mais críticos, criativos e autônomos.

Considerações finais

A partir da análise deste estudo, podemos inferir que a capoeira possui elementos que potencializam ações para a construção de uma pedagogia social e, conseqüentemente, de um modelo escolar infantil revolucionário. Seus nexos com a totalidade responderá aos problemas da classe operária, buscando as raízes das injustiças sociais, garantindo pensar e fazer uma escola que seja “educadora do povo”, superando a visão de que a escola é apenas um lugar de ensino, ou de estudo dos conteúdos, por mais revolucionários que eles sejam.

... é preciso passar do ensino à educação, dos programas aos planos de vida. Ou seja, em sua proposta pedagógica a escola somente atinge os objetivos de educação do povo, se consegue interligar os diversos aspectos da vida das pessoas (PISTRAK 2000: 11).

Sendo a capoeira, um reflexo micro da sociedade, com possibilidades reais de transformação, proponho a “capoeirização” da escola, que em esfera macro representará a proposta de Educação com base nos interesses da classe operária. Finalmente, outra questão que precisamos ressaltar sobre a capoeira, é que a mesma em seu ritual poderá desenvolver o processo de auto-organização dos educandos, como base no desenvolvimento pedagógico da escola, estimulando a cooperação infantil para a edificação de uma participação igualmente consciente e ativa.

Referências

ABREU, Frede (2003). *O Barracão do Mestre Waldemar*. Salvador: Organização Zarabatana.

ALMEIDA, Raimundo C. A. de (1982). *Bimba: perfil do mestre*. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA.

BOULCH, Lê (1992). *O Desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos*. 7ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas.

BRASIL (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília.

CAMPOS, Hélio José B. Carneiro (1990). *Capoeira na escola*. Salvador, Presscolor.

DANGEVILLE, Roger (1978). *Crítica da Educação e do Ensino*. Lisboa, Moraes.

FALCÃO, Jose Luiz Cirqueira (1996). *A escolarização da capoeira*. Brasília, ASEFE – Royal Court.

FONTES, Martins (1998). *A ideologia alemã – Karl Marx e Friedrich Engels*. São Paulo, Martins Fontes.

FREIRE, Paulo (1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 3ª ed. São Paulo, Paz e Terra.

HUIZINGA, Johan (1990). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva.

PISTRAK, M. M. (2003). *Fundamentos da escola do trabalho*. 3ª ed. São Paulo, Expressão Popular.

REGO, Tereza Cristina (2000). *Vygotsky, uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 10ª ed. Petrópolis, Vozes.

REGO, Waldeloir (1968). *Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico*. Salvador, Itapuã.

VIEIRA, Luiz Renato (1990). *Da vadiagem a capoeira regional: uma interpretação da modernização cultural no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Brasília, Departamento de Sociologia, UnB.

_____ (1992). “A Capoeira disciplinada. Estado e cultura popular no tempo de Vargas”. *Revista História e Perspectiva*. Uberlândia, n.7: 111-132, jul./dez.

ZULU, Mestre (1995). *Idiopráxis de capoeira*. Brasília.

Sobre os Autores

Carolina Gusmão Magalhães é conhecida no universo da capoeira como *Mestra Brisa*. É Professora Adjunta e pesquisadora no *Centro de Ciências da Saúde | CCS* na *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB*; Bacharel em Nutrição | *UNEB*; Mestra em Desenvolvimento e Gestão Social | *UFBA*, Doutora e Pós-Doutora em Nutrição | *UFBA*. Membro da *Associação Cultural GUETO – Brasil*; do *Conselho de Mestres da World Capoeira Federation - WCF* e da *União das Federações de Capoeira do Brasil – UFCB*. Foi eleita para a Cadeira Imortal Nacional número 103, da *Academia Brasileira de Capoeira, Letras, Ciências e Cultura*. Foi suplente fiscal do *Forte da Capoeira*, em Salvador - Bahia, e responsável pela realização do *Programa de Qualificação Profissional "Capoeira de Saia"*, nas edições 2008, 2009 e 2010, também na cidade de Salvador-Bahia, e do *Curso de Qualificação Profissional Capoeira de Saia*, edições 2022 e 2023 com turmas na Ásia, Europa e América. Conferencista internacional na área da cultura popular - capoeira, maculelê e samba de roda (ARG, COL, ECU, ESP, FRA, MOZ, ZAF, PRY, PRT, CHE, SWZ, JPN,TWN). Responsável atual pela formação continuada de graduados em capoeira das sedes do *GUETO* Taiwan, Colômbia e Brasil. Escritora de livros na área de Cultura, Educação e Saúde.

Professor Adjunto do curso de Educação Física do Centro de Formação de Professores - UFRB / Mestre de Capoeira / Pós-Doutor em Educação – FACED-UFBA

Jean Adriano Barros da Silva é Professor e ex Pró-reitor de Extensão da UFRB, pesquisador do *Centro de Formação de Professores*, UFRB. Possui Licenciatura em Educação Física pela *Universidade Federal da Bahia* (2001), Especialista em Educação Física Escolar (2003), Mestre de Capoeira, Mestre em Educação pela *Universidade Federal da Bahia* (2008). Doutor em Ciências da Educação pela *Universidade do Minho* em Portugal, Pós-doutor em Ciências da Educação pela *Universidade do Minho* em Portugal, autor de livros nas áreas de Cultura e Educação, Coordenador do *Grupo de Pesquisa GUETO/UFRB* e do *Programa de Extensão Balaio de Gato* - UFRB. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Inclusiva, atuando principalmente nos seguintes temas: EAD, capoeira, cultura corporal humana, Estágio Supervisionado em Educação Física e Deficiência Visual.